

## A profissão médica em questão

O Dr. Luc Louis Weckx é professor titular em otorrinolaringologia da UNIFESP – Escola Paulista de Medicina. Atua ainda como chefe do Departamento de Otorrinolaringologia e Cirurgia de Cabeça e Pescoço da instituição, é presidente da Academia Brasileira de Otorrinopediatria e segundo tesoureiro da Associação Médica Brasileira (AMB). Em 7 de dezembro último, ele falou, com toda a propriedade que os seus títulos lhe conferem, a respeito de um assunto cada vez mais preocupante: a situação atual dos médicos no Brasil.



*Professor Luc Louis Weckx*

### 1. Quais são os grandes problemas que os médicos vêm enfrentando atualmente?

**Dr. Luc:** Nós temos enfrentado alguns problemas graves, mas a comunidade médica, algumas vezes, não percebe que tem que agir mais rapidamente. O primeiro problema é a proliferação anárquica das escolas de medicina no país. De 2000 para cá foram abertos mais de 50 novos cursos de medicina no Brasil, e no ano passado nós alcançamos o número de 146 escolas médicas, enquanto o Canadá, por exemplo, tem apenas 17. Isso faz com que formemos de 10.000 a 12.000 médicos ao ano no país. Desse número, 20% não conseguem fazer residência médica. Além disso, 50% dos que se formam conseguem fazer uma residência que não é de boa qualidade para a sua formação.

### 2. Apesar disso, ainda faltam médicos no Brasil?

**Dr. Luc:** Faltam médicos apenas nos locais onde falta esgoto, falta centro de saúde, onde falta tudo! A Organização Mundial de Saúde diz que o ideal é ter um médico para cada 1.000 habitantes, e São Paulo, por exemplo, tem aproximadamente um médico para cada 260 pessoas. No Brasil inteiro, a média é de um profissional para cada 600 habitantes.

### 3. O que acontece com esses profissionais que estudam mas não conseguem fazer residência?

**Dr. Luc:** Aceitam qualquer condição para trabalhar. Muitas vezes, condições muito inferiores às de dignidade para um médico. Felizmente, na medicina ainda não há desemprego, mas há subemprego.

### 4. O que está sendo feito para solucionar esse problema?

**Dr. Luc:** Temos vários projetos de lei na Assembléia. Aquele no qual nós mais acreditamos é o que proíbe a abertura de novas escolas médicas durante 10 anos. Resumindo: a sociedade brasileira, hoje, não precisa de mais médicos. Ela precisa de bons médicos, e o que está acontecendo é que estamos formando quantidade, e não qualidade.

### 5. Como está a atualização científica dos médicos?

**Dr. Luc:** Um médico, hoje, para conseguir o rendimento de 2.000 dólares por mês, precisa de três empregos além de seu consultório; cerca de 97% dos médicos vivem das operadoras de saúde. Assim, eles não têm tempo nem condições para se atualizar. Cerca de 62,5% dos profissionais não participam nem de congressos. Por isso, o Conselho Federal de Medicina (CFM), as entidades médicas e a Associação Médica Brasileira (AMB) resolveram implantar um certificado de revalidação profissional. Todas as pessoas que adquirirem o título de especialista a partir de 1º de janeiro de 2006 deverão, a cada cinco anos, revalidar seu título. E isso não é para punir, mas para premiar a pessoa que se atualizar. O sistema foi criado para incentivar a atualização e será obrigatório para os novos médicos e opcional para quem recebeu o título de especialista até 31 de dezembro de 2005.

### 6. E como está a situação dos médicos nos planos de saúde?

**Dr. Luc:** O segundo problema dos médicos é que 67% têm consultórios e, dentro deles, 97% do movimento vem das operadoras de saúde. A maioria delas paga de 10 a 32 reais por uma consulta, depois de dois a três meses do atendimento, e esse valor está sem reajuste desde 1994. Apenas um quarto da população brasileira tem plano de saúde, e o restante depende do SUS.

### 7. O que a classe médica pleiteia hoje?

**Dr. Luc:** Para tentar minimizar esse problema, a AMB e o CFM, junto com a FENAM, que é a Federação Nacional dos Médicos, fizeram, em vez de uma tabela, a CBHPM, ou

seja, a Classificação Brasileira Hierarquizada de Procedimentos Médicos. Ela foi introduzida em 2003, através de um estudo que atualizou todos os procedimentos médicos, e tudo o que há de melhor para o paciente está nessa classificação. Isso foi em 2003 e, até agora, estamos tentando implantar a CBHPM entre as operadoras. A Unimed implantou parcialmente a partir de 1º de dezembro e a Unidas já implantou em várias regiões, mas ainda há muito o que fazer nessa parte. Quando discutimos a CBHPM, que significa o valor de uma consulta em cerca de 42 reais, as operadoras ainda ficam resistentes. A CBHPM é uma coisa que veio para ficar, mas a sua implantação ainda é muito vagarosa. Não adianta apenas discutir esse assunto em nível nacional. É preciso discuti-lo na ponta, nas cidadezinhas. Então, é bem complicado.

#### **8. O que pode ser feito para que a CBHPM seja definitivamente implantada?**

**Dr. Luc:** A nossa grande chance é o projeto de lei nº 3466, de 2004, de autoria do deputado Inocêncio de Oliveira, que define que a CBHPM seja a base para o rol de procedimentos no sistema suplementar de saúde. Com isso, o grupo da Agência Nacional de Saúde que se ocupa justamente desse sistema suplementar, que são as operadoras, utilizaria a CBHPM como o rol mínimo de procedimentos que toda operadora tem que ter. Esse projeto está em tramitação, já foi aprovado em todas as comissões e espera a desobstrução da pauta para ser votado em regime de urgência e se transformar em lei. A AMB está trabalhando muito por esse projeto, que seria a grande saída para nós, médicos.

#### **9. Além disso, há outras questões polêmicas envolvendo a medicina, atualmente?**

**Dr. Luc:** O terceiro problema que temos são as áreas fronteiras. Temos 12 outras profissões de saúde, envolvendo 12 outros mercados de trabalho que procuram pacientes também. Isso inclui fonoaudiologia, enfermagem, nutrição, psicologia, fisioterapia, além de farmacêuticos e odontologistas, por exemplo. Com exceção desta última, todas as outras profissões foram criadas para complementar a medicina, e não para substituí-la. Mas, no campo profissional, há problemas acontecendo. Alguns postos de saúde, até mesmo em São Paulo, têm profissionais que aparecem usando um avental onde está escrito “doutor fulano de tal” e, na verdade, esse “doutor” é um enfermeiro e a população não sabe. O governo é totalmente cúmplice disso, pois não define mais médico, e sim especialista de saúde, seja qual for a profissão em que ele tenha se

formado. Se nós perguntarmos para as pessoas o que é um médico, ela vai dizer que é quem diagnostica. A medicina estuda o indivíduo como um todo e médico é igual a diagnóstico e tratamento. As outras profissões de saúde foram criadas depois, justamente para complementar e para o bem do paciente.

#### **10. E o que está sendo feito para evitar que isso aconteça?**

**Dr. Luc:** Existe um projeto de lei, de nº 25, de 2004, chamado de Lei do Ato Médico. Todas as outras profissões têm a sua regulamentação e a sua lei, e a medicina nunca teve. Com esse projeto, tentamos fazer essa regulamentação, e houve um protesto por parte das outras profissões ligadas à saúde, dizendo que seria um retrocesso e que a medicina quer ser a dona da saúde. Na verdade, acreditamos apenas que diagnóstico e tratamento são funções do médico, e o paciente também acha isso. Uma abordagem multiprofissional do paciente é muito bem-vinda, e todos nós trabalhamos em harmonia com os outros profissionais. Em São Paulo, por exemplo, há alguns dias abriu a terceira Casa de Parto, onde a pessoa dá à luz sem a assistência de um médico, só com enfermeiras. Nós achamos que isso é muito perigoso e que tem de ser feito em um hospital.

#### **11. E como estão as perspectivas para a classe médica?**

**Dr. Luc:** O que há de bom neste momento para enfrentar todos esses problemas é a união que as lideranças têm. Hoje, a AMB é formada pelas federadas de cada estado, e cada federada tem as suas regionais. A federada de São Paulo, por exemplo, é a Associação Paulista de Medicina, que tem suas regionais em todas as cidades do interior. A outra parte são as sociedades científicas. Somos 27 federadas e 57 sociedades científicas, dentre as quais a Associação Brasileira de Otorrinolaringologia é uma delas. A união dessas entidades é que está propondo soluções. É uma batalha árdua, mas acredito que o que nós não podemos perder nunca é a relação médico-paciente que, para mim, depois da relação mãe-filho, é a mais importante que existe. Comprovando esta afirmação e que estamos no caminho certo, fica o resultado da última pesquisa do Ibope a respeito da credibilidade das instituições. O resultado mostrou que os médicos são a entidade nº 1 em confiança por parte da população brasileira, com 81% dos votos. A igreja católica ficou em segundo lugar, as Forças Armadas em terceiro, os jornais em quarto, os engenheiros em quinto e a televisão em sexto. Em último lugar ficaram os políticos, com apenas 8% dos votos.